

**LETRAMENTO CRÍTICO: COMPREENDER E LIDAR
CRITICAMENTE COM AS DIVERSAS
PRÁTICAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS**

*Márcio Luiz Côrrea Vilaça*⁶⁹ (UNIGRANRIO)

professorvilaca@gmail.com

*Elaine Vasquez Ferreira de Araujo*⁷⁰ (UNIGRANRIO)

elainevfaraujo@gmail.com

RESUMO

É fundamental considerar que precisamos estar preparados para diferentes situações da vida cotidiana, para o emprego e para uma vida social em uma sociedade com novas formas de circulação de textos e com novas situações de produção de discursos. É preciso estar atento às transformações vividas nas mais diversas esferas de atuação, assim como nos hábitos e formas de viver das pessoas. Neste cenário, pensando na importância dos jovens serem sujeitos ativos em situações sociais mediadas ou não pelas tecnologias, é fundamental não apenas a abordagem de aspectos culturais e multissemióticos em sala de aula, mas também o desenvolvimento de um olhar crítico acerca de seus múltiplos contextos, considerando diferentes dinâmicas culturais, sociais e ideológicas. Entra em cena, então, a discussão a respeito do letramento crítico, se distanciando do senso comum e desconstruindo, problematizando e reconstruindo significados. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir a importância e o desenvolvimento do letramento crítico dos estudantes. Esta pesquisa tem como embasamento teórico os estudos de Manuel Castells, Roxane Rojo, Vanessa Andreotti, Vanderlei Zachi, dentre outros.

Palavras-chave:

Letramento. Letramento Crítico. Circulação de Textos.

1. Introdução

É interessante observar como as aulas de língua podem dar conta das novas demandas da sociedade, pois são mais flexíveis no sentido de que é possível oportunizar em sala de aula diversos textos de diferentes esferas, de um modo geral. Em outras palavras, o professor e os materiais didáticos devem contemplar uma variedade gêneros textuais de múltiplos domínios discursivos, abordando conseqüentemente várias tipologias tex-

⁶⁹ Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ 2016-2019). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1A – UNIGRANRIO/FUNADESP.

⁷⁰ Trabalho realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento: 001.

tuais. Pretende-se, assim, desenvolver a competência discursiva para uso nas mais variadas práticas sociais.

Estudiosos defendem que o ensino de leitura, tanto no ensino de língua materna quanto no de línguas estrangeiras, deve priorizar o emprego de textos autênticos, que podem ser brevemente definidos como textos reais, de diferentes contextos, que não foram elaborados especificamente para o ensino de determinado aspecto linguístico. Para entender melhor esta compreensão de textos autênticos, convém lembrar que muitos materiais didáticos, nos quais se incluem os livros didáticos de amplo uso, empregavam com frequência textos “não-autênticos” elaborados ou adaptados pelos próprios autores dos materiais didáticos com ênfase em determinados tópicos linguísticos como por exemplo, no ensino de língua inglesa, o *simple past*, verbos modais, orações condicionais...

Ao utilizar textos autênticos durante as aulas, o aluno pode ter oportunidades para analisar e se posicionar de forma reflexiva diante de textos reais e, por conseguinte, de situações reais (ARAÚJO; DIEB, 2013). Conseqüentemente, ao ouvir, produzir ou ler diversos textos que empregam diferentes semioses, de situações socioculturais diversas, e em variados suportes tecnológicos e mediáticos, há a necessidade de desenvolvimento de letramentos múltiplos (ANSTEY; BULL, 2006).

Além do mais, também é indispensável que o estudante tenha a chance de levar para a escola o letramento que pratica em casa e em outros ambientes sociais, como nas ruas, na igreja, por meio das tecnologias etc. Portanto, conforme Silva (2015) ressalta, ao trabalhar com práticas de leitura e escrita em sala de aula, é preciso considerar também o conhecimento de mundo do estudante.

Nos últimos anos, o número de publicações apresentou uma expansão fácil de ser notada, com destaque para os artigos. Como resultado da percepção dos riscos de compreensão de um letramento “único”, podemos encontrar de forma crescente discussões sobre letramento (às vezes chamado de letramento impresso), letramento crítico, letramento digital, letramento midiático, letramento acadêmico, letramento informacional... Isso apenas para citar algumas denominações, que refletem focos específicos e podem levar a multiplicidade de visões teóricas e imprecisão.

Neste trabalho, discutiremos questões de práticas discursivas, ensino de línguas e letramento. Dessa forma, apontaremos algumas mudanças de olhar sobre as práticas de leitura e escrita. Na sequência, tratare-

mos de conceituar uma perspectiva de abordagem de letramento que ganhou destaque nos últimos anos: o letramento crítico.

2. *Práticas discursivas e letramento*

Castells (2003, p. 167) enfatiza que, por meio do conhecimento de mundo e de nossas experiências, “construímos nossos próprios sistemas de interpretação”, ou seja, nosso entendimento está conectado ao ambiente social e a nossa experiência na vida cotidiana.

Por esse motivo, Rojo (2013) recomenda que as atividades de leitura e escrita em sala de aula abordem questões dos âmbitos da cidadania, do trabalho e da vida pessoal dos alunos. Similarmente, Araújo e Dieb (2013) indicam que as práticas escolares precisam estar adequadas a uma sociedade multicultural, possibilitando as práticas de múltiplos letramentos e considerando sempre o conhecimento de mundo do aluno.

A escola não deve estar apenas preocupada com o ensino da estrutura da língua, mas com o entendimento da linguagem como prática discursiva e social, além da formação consciente e crítica dos alunos. Esta perspectiva tem sido privilegiada em muitos estudos linguísticos, com destaque para os campos da Linguística Aplicada e da Linguística Textual. A conexão entre diferentes “universos” na escola – seja o universo do trabalho, da política, da economia, da vida social, cultural etc. – é fundamental para evitar a alienação, a fragmentação do ensino e a mera reprodução social.

Pensando na importância desses jovens serem sujeitos ativos em situações sociais mediadas ou não pelas tecnologias digitais, é fundamental não apenas a abordagem de aspectos culturais e multissemióticos em sala de aula, mas também o desenvolvimento de um olhar crítico acerca de seus múltiplos contextos, considerando diferentes dinâmicas culturais, sociais e ideológicas. Entra em cena, então, a discussão a respeito do letramento crítico, se distanciando do senso comum e desconstruindo, problematizando e reconstruindo significados.

Nos últimos anos, o número de publicações apresentou uma expansão fácil de ser notada, com destaque para os artigos. Como resultado da percepção dos riscos de compreensão de um letramento “único”, podemos encontrar de forma crescente discussões sobre letramento(às vezes chamado de letramento impresso), letramento crítico, letramento digital, letramento midiático, letramento acadêmico, letramento informac-

onal... Isso apenas para citar algumas denominações, que refletem focos específicos e podem levar a multiplicidade de visões teóricas e imprecisão.

3. Letramento crítico

E o que é o letramento crítico? Zacchi (2017) aponta que a palavra “crítica” pode ter diferentes significados, dependendo da cultura ou ideologia. A ideia de criticidade no letramento está diretamente relacionada com ocupar uma posição mais crítica em relação às leituras e construção de saberes atribuídos aos textos. Alguns estudiosos vêm se mostrando preocupados com a questão ética ao tratar de práticas sociais letradas.

Defende-se, portanto, que nenhuma interpretação é completamente livre ou neutra, pois está condicionada ao contexto social, cultural e histórico em que o indivíduo está inserido. Ou seja, durante a leitura de um texto, são levadas experiências, leituras anteriores e interpretações situadas no contexto em que vivemos.

De modo geral, o letramento crítico trata da participação de indivíduos em práticas letradas de forma consciente e ativa, não apenas atuando nestas práticas, mas também as transformando. Desta forma, além de se incluir em práticas sociais letradas construídas socialmente, esses indivíduos também são capazes de transformar estas práticas ou até mesmo produzi-las. Uma ideia básica do letramento crítico é que o letrado vá além do senso comum, ou seja, ocupe um papel ativo na construção de sentidos observando seu propósito e perspectivas.

Janks (2016) aponta que a compressão de letramento crítico se relaciona ao reconhecimento de que os textos não são neutros, estabelecem e são realizados em situações de poder. Assim, podemos entender que a discussão do letramento crítico requer um posicionamento sobre os modos e as estratégias de produção e interpretação de textos. Conforme argumenta a autora: “A língua e as formas como ela é usada estão no centro do que significa fazer letramento crítico. A língua é o que nos distingue como espécie enquanto somos bombardeados por ela.” (JANKS, 2016, p. 22) (grifo da autora). Assim, estudiosa relaciona o letramento crítico à ação.

Ressaltando a perspectiva discursiva da língua, Jordão (2016) argumenta que o letramento crítico

(...) entende a língua como discurso, concebendo-a como uma prática social de construção de sentidos, sentidos que são atribuídos aos textos pelos sujeitos (em coparticipação com suas comunidades participativas). Nessa concepção, textos ou quaisquer unidades de sentido, verbais ou não verbais, são construídos ativamente em ações interpretativas. (JORDÃO, 2016, p. 44)

Neste panorama, assim como enfatiza Souza (2011a), o indivíduo que desenvolve o letramento crítico tem consciência que muitos dos seus valores e maneiras de ler o mundo estão diretamente conectados à vivência na comunidade da qual faz parte. Como resultado, não necessariamente o que é verdade para um, será verdade para o outro, pois a verdade pode ser diferente em contextos diferentes. É essencial, portanto, que este indivíduo reflita a respeito do contexto de seus saberes e do seu senso comum, assim como descreve a citação abaixo.

Aqui, no letramento crítico, precisamos assumir a responsabilidade das nossas leituras e não culpar o autor do texto pela sua escritura; precisamos perceber que o significado de um texto é uma inter-relação entre a escrita e a leitura. Nós estamos nos conscientizando sobre como nós interpretamos o texto. [...] Enfocar aquilo que o aluno acha que é “natural” fazer, levar o aluno a repensar o que é natural para ele e refletir sobre isso. Perceber como aquilo que é natural para ele pode conter preconceitos que podem afetar o outro, gerar preconceito contra pessoas diferentes. E, portanto, levar o aluno, o aprendiz, a reformular seu saber ingênuo. (SOUZA, 2011a, p. 295)

Por esse motivo, o autor destaca que o contexto é peça fundamental para uma ativa participação em práticas letradas. Sendo assim, apesar da nossa leitura e nossa interpretação levar em consideração (mesmo que de forma inconsciente) o nosso contexto sócio histórico, é essencial estarmos cientes da variedade de interpretações provenientes de outros contextos. É o famoso “ler nas entrelinhas”.

Logo, é preciso ler e identificar os objetivos do autor com o seu texto, sem deixar de avaliar a informação. A construção de significados não pode estar separada do contexto em que o texto é veiculado e interpretado (ZACCHI, 2017).

Semelhantemente, Janks (2012) assinala que é preciso compreender que, ao ler um determinado texto, por exemplo, o que o autor tinha como objetivo ao construir o seu texto, não necessariamente precisa coincidir com os objetivos de leitura de quem está o lendo. Pelo fato do leitor e do autor poderem estar em contextos sociais e culturais diferentes, não é necessário que os pontos de vista e interesses do autor e leitor coincidam.

Segundo Souza (2011b), durante uma leitura, é importante sempre questionar: “Porque eu entendi/ele entendeu assim? Porque eu acho/ele acha isso natural/óbvio/inaceitável? Porque eu acho que ele quer dizer X?” (SOUZA, 2011b, p. 139). Logo, este leitor deve construir seus próprios significados, atribuindo ao texto o seu próprio entendimento. Afinal, como ressalta Janks (2016, p. 23): “textos não são neutros”.

A perspectiva do letramento crítico está frequentemente relacionada a uma visão educacional de promoção, inclusão e transformações sociais, por meio de um olhar discursivo questionador sobre os usos da linguagem.

4. *Letramento crítico e o ensino de línguas*

Por tudo isso, o desenvolvimento do letramento crítico pode colaborar para o ensino de línguas, de forma geral. As práticas de letramento crítico em sala de aula podem contribuir para a reflexão sobre a diversidade linguística e cultural em diferentes contextos sociais, nos fazendo refletir a respeito da limitação dos nossos conhecimentos e entendimento do mundo. A educação baseada no letramento crítico pode promover um conjunto de práticas educacionais que enfatizam outras formas de conhecer, ver e estar no mundo, levando em conta diferentes perspectivas (ANDREOTTI, 2014). Segundo Luke e Freebody (1997),

O letramento crítico leva em consideração uma série de princípios da educação que visam o desenvolvimento das práticas do discurso e de construção de sentidos. Inclui também uma consciência de como, para que e porque, e ainda para quem, e de quem é o interesse que os textos podem funcionar em particular. Ensiná-lo é encorajar o desenvolvimento das posições e práticas leitoras alternativas para que ocorram os questionamentos e as críticas as suas funções sociais. E, ainda mais, pressupõem o desenvolvimento de estratégias para que se possa falar sobre, reescrever e contestar os textos da vida cotidiana (LUKE; FREEBODY, 1997, p. 218)

Similarmente para Andreotti (2014), o letramento crítico vem para problematizar a limitação da nossa própria linguagem, pois, para a autora, nosso senso comum e nosso conhecimento de mundo por muitas vezes causa uma certa “cegueira”, nos impedindo de compreender outros saberes e considerar outros contextos. O professor de línguas deve ensinar muito mais que gramática ao colocar o seu aluno em contato com o outro, com outros textos, com outros costumes, com outras culturas, com outras línguas. É preciso respeitar e valorizar a diversidade de linguagens, repensando crenças já engendradas e compreendendo as diferenças.

Como consequência, o indivíduo, ao desenvolver o seu letramento crítico, passa a assumir uma postura ética, pois não coloca o outro em um conceito fechado, estereotipado e/ou pré-estabelecido. Pelo contrário, este indivíduo ao ler um texto, por exemplo, considera as questões culturais do contexto de produção deste texto, sem ser influenciado por representações já construídas ou pelo senso comum, rompendo preconceitos e estereótipos, sem verdades absolutas, ampliando então sua maneira de compreender o mundo.

Pensando por este viés, ao trabalhar com atividades de interpretação de texto, por exemplo, o professor deve ter cuidado para não reduzir a interpretação em apenas extração de informações do texto. O professor também deve ter cautela para não direcionar, mesmo que inconscientemente, o entendimento dos seus estudantes em relação às suas leituras. É imprescindível que o seu aluno compreenda a configuração e a intencionalidade do texto lido. No lugar de ter respostas prontas, o aluno deve ter a oportunidade de discordar do texto, compará-lo com outros textos e construir sentido em situações reais de uso da linguagem.

5. Considerações finais

Tendo em vista o crescente avanço das tecnologias digitais e seus recursos multissemióticos e multimodais, é essencial destacar que os numerosos textos escritos em diversas linguagens disponíveis no meio digital trazem como consequência diferentes formas de construção de sentido, cada vez mais influenciadas e impulsionadas pelas próprias tecnologias.

Desta forma, é fundamental o desenvolvimento da percepção crítica, evitando que a construção de sentido de um texto lido, seja ele na Internet ou não, seja baseada apenas no contexto sócio histórico ideológico do leitor.

Diante do que foi discutido e levando em consideração o advento das tecnologias digitais, é preciso questionar o papel das novas formas de circulação de textos e das novas situações de produção de discursos em nosso dia e dia e como podem influenciar no processo de significação. Nessa perspectiva, ao se discutir letramento hoje também é fundamental considerar a presença das tecnologias digitais no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOTTI, V. O. Critical and transnational literacies in international development and global citizen ship education. *Sisyphus – Journal of Education*, Lisboa, v. 2, n. 3, p. 32-50, 2014.

ANSTEY, M.; BULL, G. *Evolving Pedagogies, Reading and Writing in a Multimodal World*. Education Services Austrália, 2006.

ARAÚJO, J. C. R. M.; DIEB, M. A Web no letramento de crianças em língua materna. In: SHEPHERD, T. G; SALIÉS, T. G (Orgs). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

JANKS, H. The importance of critical literacy. In: *English Teaching: Practice and Critique*, Waikato, v. 11, n. 1, p. 150-163, 2012.

JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas estrangeiras*. Campinas-SP; Pontes, 2016.

JORDÃO, C. M. No tabuleiro da professora tem...letramento crítico? In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas estrangeiras*. Campinas-SP; Pontes, 2016.

LUKE, A.; FREEBODY, P. Critical literacy and the question of normativity: An introduction in Muspratt, S., Luke, A. & Freebody, P. (Eds), *Constructing Critical Literacies*. Cresskill, New Jersey: Hampton Press, 1997.

ROJO, R. H. R. (Org.). *Escol@ Conectada – os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, E. C. M. Letramentos e Gêneros do Discurso no Ensino Fundamental. In: SILVA, K. A; ARAÚJO, J. (Orgs). *Letramentos, Discursos midiáticos e Identidades: novas perspectivas*. Campinas-SP: Pontes, 2015.

SOUZA, L. M. T. M. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. (Org.). *Formação “desformatada”*: práticas com professores de língua inglesa. Campinas: Pontes, 2011a.

_____. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, R.F.; ARAÚJO, V.A. (Orgs). *Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí: Paco, 2011b.

ZACCHI, V. J. Dimensões Críticas no Uso de Jogos Digitais. In: TAKAKI, N.H.; MOR, W.M. (Org.). *Construções de Sentido e Letramento Digital Crítico na Área de Línguas/Linguagens*. Campinas-SP: Pontes, 2017.